

## ÍNDICE

I. Onde Vão Morrer os Poetas	9
Num Recanto Solitário	17
Um Retrato Esfumado e em Traços Gerais	19
Infância	22
O Meu Avô, mais Uma Vez	33
Folclores Coloridos, Religiões	35
O Que É Que Se Passa?	39
Innisfree	44
A Minha Enorme Família, ou Seja, Sligo	50
O Lugar onde Descanso	53
Londres	56
No Regresso a Londres Fui para a Escola	60
Lissadell (Lembranças)	65
Uma Família de Artistas	69
Jack Butler Yeats	73
Curtas Considerações	74
A Possível Juventude	80
O Abbey Theatre	88
II. Antes e depois de Maud Gonne (1866-1953)	93
O Fim da Paixão	101
Haxixe e Espiritualismo	106
Estranho, muito Estranho... A Semente da Loucura	108
Iseult Gonne	111

Nova Vida	115
(Um Intervalo Apaziguador, os Laços da Vida Estão Todos Emaranhados...)	116
Impressões — Thoor Ballylee	121
E Há sempre as Fadas, as Fadas...	
Entrarei em Transe durante Nove Dias	124
Também Temos Outros Seres Inacreditáveis, Bruxas, Fantasmas, Cães Gigantescos, Ondinas e Tritões...	129
Thoor Ballylee, Coole Park	130
Coole Park	132
Lady Augusta Gregory	134
Um Intervalo para Confissão (Minha)	136
O Meu Único Casamento	145
Os Meus Filhos, Anne e Michael	149
O Estado Livre da Irlanda. Morte	152
Breve Nota	157
Agradecimentos	161
Bibliografia	163

# I

## ONDE VÃO MORRER OS POETAS

### O meu Willie

Esta não é uma obra de estudo nem um tratado exaustivo sobre a vida de William Butler Yeats. Quero dar a conhecer alguém que dedicou toda a vida à poesia, ao teatro, à cultura mais enraizada no espírito celta da sua terra irlandesa: lendas, histórias muito antigas, canções, danças e crenças. Todo este folclore pertence a uma civilização muito especial, bela, ancestral. Depois do renascimento cultural irlandês, as motivações de um certo orgulho nacional que se julgava perdido vieram a ser acarinhadas por todo este povo. W. B. Yeats foi um dos mais notáveis impulsionadores desta identidade, das suas raízes e origens. Um movimento cultural impressionante.

Eis o que desejo com mais um livro tão incompleto — seria sempre incompleto. Quero apresentar, para quem não a conhece, algumas fases de uma vida, como tenho vindo a fazer com outras pessoas geniais. Deixaram um sinal no chão deste vasto planeta e, por alguma razão, venceram o esquecimento; «da lei da morte» se libertaram.

Representar algumas fases, apenas.

E escrevo-as como eu quiser, digo o que eu quiser e de modo nascente ou de modo morrente, como se fosse numa aurora ou num ocaso. Nunca a escolher palavras, mas sim a aproveitá-las, a todas as ideias e a todas as palavras, tal e qual como me surgem. Não há mistério nenhum na escrita. Sem pensar, sem desejos, sem querer a tua lembrança e o escasso conhecimento que tenho de ti, sempre e sempre a avançar, a progredir sem intervalos, e eu alegre, eu triste, cansada, ronceira, tranquila, preguiçosa a imaginar-te, a contar pelos dedos os dias que faltam para te descobrir por inteiro, a vasculhar a memória à procura de qualquer ninharia sobre a tua pessoa, qualquer sinal que me surpreenda. Então agarro essa novidade. O ganho é meu, não vou desperdiçá-lo; tudo em ti é secreto, tudo em mim é secreto e sempre, sempre em movimento, como as pequenas ondas lá na orla do mar de Sligo ou de qualquer mar em qualquer sítio. Até pode ser no santuário de Innisfree\*.

Fim deste curto delírio. E não me obriguem a pôr pontos finais em tudo, frase sim, frase não, algumas delas com duas palavras. Não me obriguem a nada.

Avanço agora a parecer, pelo menos, ajuizada...

Muitas vezes a correnteza dos acontecimentos flui, nasce e progride, avança sem se perceber a razão, as razões disto ou daquilo. Há quem viva sem grandes necessidades; há quem oiça uma triste canção toda a vida; há quem silabe fe-li-ci-da-de e há quem silabe in-fe-li-ci-da-de. É conforme.

Oiço o teu coração bater. Estarei a teu lado? Sei que estiveste perto de muita gente...

Acredito em tudo o que dizes, Willie. Claro que acredito.

\* Innisfree: uma pequenina ilha, muito pequenina. Observada a partir de uma certa margem do lago Gile [Loch Gile; Lough Gill], perto da cidade de Sligo, é uma elevação a romper da água. Muito verde e muito branda essa água do lago, iluminada por cisnes e patos, risonha em círculos bem desenhados pelo espadonar das suas asas.

Innisfree é o paraíso imaginado de W. B. Yeats, uma visão que o acompanhou toda a vida, um emaranhado das fantasias mais incríveis que uma criança e jovem adolescente pode conceber. Na verdade, só um espírito requintadamente fantasista pode imaginar outros mundos de belezas incomparáveis, tantos mundos possíveis na curta geografia da ilha.

Uma beleza, essa visão.

Foste estudioso amante de seres inacreditáveis, desses que vivem nas grutas dos penhascos e nas densidades da floresta, que correspondem, com todo o seu encantamento, ao mais inacessível sonho celta. Conheceste, com muita intimidade, espíritos, fantasmas, gnomos, fadas, bruxas; julgaste calcular destinos, o teu próprio destino, pela leitura dos astros; falaste com os mortos, conviveste com os vivos. E, acima de tudo, foste um poeta. Poeta transcendente.

É sobre ti, sobre esta capacidade de perceberes a morte, de julgares conseguir falar com tanta gente já desaparecida, de seguires os seus conselhos, de sentires a sua protecção, alguma orientação, de os invocares; de como te sentiste amado, tanta situação que à gente vulgar não agrada, que cria suspeições, dedos apontados, olhares de soslaio, desdém, incompreensão e muito mais ainda! É sobre tudo isso que desejo falar.

Falar da possibilidade da tua existência em mim.

Estarei a ficar contagiada? É o mais provável. E então? Como conseguiria eu escrever este livro sem partir do sentimento que tenho, que nasceu há tanto tempo? Sei, perfeitamente, que toda a ideia disto e daquilo não é mais do que uma, várias, muitas sensações. E de onde vêm essas ideias?

Respostas, nenhuma.

Deverei sentir-me apontada por tentar perceber alguém que existiu, que desenhou os mais belos poemas naturais de sempre? Não devo dividir este meu amor com ninguém sem recear ser acusada de mística, ocultista, fantasmagórica?

Já te vi e ouvi chorar e alegrar por variadas razões. É o suficiente para justificar a construção deste livro, tal como tu justificaste o teu crescimento com essa poesia única, magnífica. Sempre em construção, em modificações no limbo do tempo.

Vou falar de ti já adulto ou criança ainda. Ou não. Toco superficialmente e percorro, apenas, os recantos que me interessam. Visito os teus locais, leio milhares de páginas que vão contando tudo o que se sabe sobre a tua vida. Viajo rumo aos mais secretos encontros. Sei onde estão. Irei lá ter.

Contar o que sei sobre Willie não é a minha intenção. Tudo o que desejo é que as pessoas que não o conhecem passem a conhecê-lo. Isso é muito importante. Assim, escrevi apaixonadamente. Não é fácil desenhar todos esses sítios, o cais de Sligo, os cantos da floresta, dos pássaros, a imensidão imaginária de Ben Bulbin — «Terra de Yeats», as ruas de Londres, aquela rua por onde caminaste numa tarde quente de Verão a sonhar com Innisfree e correste para casa porque essa visão foi mais forte do que o mais forte sentimento. Depois ainda todos os fantasmas com quem convivias em Ballisodare, mais os atalhos por entre as árvores das florestas de Coole, a estranha vida na Torre — Thoor Ballylee. E a família. Ainda as pessoas a quem agradaste. Uma dádiva de amor puro, grandioso. E, mesmo assim, tanta gente não percebeu.

Também as mulheres que julgaste amar, tão desejadas, não conseguiram alcançar a força dessa paixão.

A iniciação sexual foi tardia. A mãe morreu-te cedo.

Já tarde, vieram Anne e Michael, muito amados filhos.

Uma história com fantasmas, portanto.

O teu fantasma.

Agarrei-o, finalmente. E foste, até hoje, o mais difícil, o mais sinuoso, o mais discreto fantasma.

Aí estás, sem nada de especial, nessa condição primitiva, a do nascimento e a da infância.

Eis o homem.

Assim foi e viveu W. B. Yeats. Mas a roda, a roda a rodar avançou, desceu, subiu, ou sempre em frente, em frente, em frente a roda a rodar incansável, imperturbável, salta aqui e salta sempre as vezes que se impuserem mais esse vento e esse verbo cheio de luzes, teimoso a indicar caminhos e sobressaltos, é mesmo assim, caminhos e sobressaltos, desvia agora um pouco, muito, bastante, cresce e roda a roda, aumenta, encorpa, nunca descansa, é lenta, lenta, lenta ou então ligeira e leve, leve, leve. A roda.

Willie viveu. Nasceu a 13 de Junho em 1865; morreu a 28 de Janeiro em 1939. Nasceu e viveu numa das terras mais belas e

mais verdes, terra amada, sempre apaixonada, musical e poética, sofrida e saudosa. Misteriosa também.

Irlanda, a Ilha Esmeralda.

Um pequeno canto distante onde voltou sempre que ouviu aquela voz, as vozes, muitas e variadas, vindas lá das profundidades pessoais e familiares.

(...)

*Come away, O human child!*

*To the waters and the wild\**

(...)

Willie pensou e escreveu a sua poesia entre riachos, nos carreiros palpitantes das ervas húmidas; escreveu sentado nas colinas a coberto das sombras, lá nas encostas onde os coelhos velozes se escondem, ou deitado no planalto do seu amado Ben Bulben; escreveu poesia com pena de fogo dentro de si,

podes sempre voltar para mim, ó minha Innisfree,

nunca te deixarei, nunca te esquecerei,

nunca,

lá onde desejei viver e morrer para sempre.

De todas as estradas, esta é a mais caleidoscópica e a mais fotográfica: a estrada que o conduz, todos, todos os dias à visão de Innisfree. De tal modo é assim, que Willie a percorreu toda a vida e todas as direcções o levaram sempre e sempre ao mesmo sítio,

*you can always come back home\*\*.*

Ou seja, W. B. Yeats, irlandês, nascido em Sandymount, Dublin, crescido em Sligo, vivente nas florestas próximas e mais tarde na floresta de Coole, foi sempre o melhor marinheiro de si próprio.

Voltou sempre à sua origem.

\* «The Stolen Child», poema publicado em 1889, com 24 anos.

\*\* «podes sempre regressar a casa».